Abaixo o signo: por uma concepção revolucionária da linguagem como som e imagem (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Luiza Spinola Amaral

Palavras-chave: linguagem; som; imagem; signo.

RESUMO EXPANDIDO

Segundo Adriana Cavarero[8], chegamos ao século XX com uma concepção sígnica da linguagem, que nos impossibilita atentar para a vinculação vocal-acústica que a palavra implica, ainda antes que possa designar qualquer significação verbal, tornando oculta (o que seria insignificante) a comunicação relacional e corpórea, da qual ela deriva e para a qual se destina. De acordo com a autora, no tratamento filosófico dado à linguagem evidencia-se a cisão entre voz e palavra, o que seria som e imagem, como um "marco antiacústico e videocêntrico do pensamento platônico – e, portanto, da filosofia ocidental" (Cavarero, 2011, p. 105), cujo filtro metafísico impulsionou um processo denominado pela autora de "desvocalização do *logos*"[9].

Entretanto, entendendo a partir de Hans Belting[10] que a racionalidade videocêntrica da filosofia ocidental não se confunde com o pensamento por imagem que

[8] Adriana Cavarero é docente no curso de Filosofia Política na Universidade de Verona (Itália). Em sua tese de doutorado, "Vozes Plurais: filosofia da expressão vocal" (Belo Horizonte: UFMG, 2011), se valendo dos estudos pioneiros do medievalista Paul Zumthor, no que diz respeito à 'vocalidade' enquanto fenômeno vocal e sonoro independente da palavra articulada, e do conceito de local absoluto, de Hannah Arendt, como uma relação em ato num espaço compartilhado pelos presentes; a filósofa italiana propõe, na era em que se discute a globalização impulsionada pelas mídias de comunicação à distância, uma possibilidade antimoderna de revalorizar em sentido político a relacionalidade corpórea da palavra que se faz voz. Assim, conclui o tradutor do livro para o português, Flavio Terrigno Barbeitas, na sua introdução: "se é a linguagem que faz do homem um ser político; se essa mesma linguagem não mais é redutível ao plano do que é dito, isto é, ao plano das palavras desencarnadas e do *logos* desvocalizado, e passa a acolher a voz como aquilo que espelha a unicidade de cada existente; se também o "homem", nesse mesmo sentido, deixa de ser uma abstração para se referir à singularidade encarnada de um ser único; ora, então a política deve ser radicalmente repensada para além de uma conexão pelo que é dito (terreno exclusivo do significado) em direção à relacionalidade de um dizer em que, mais do que significar, cada um comunica quem é" (*In*: Cavarero, 2011, p. 11).

[9] Nas palavras da autora: "O processo de autoesclarecimento do *logos*, no qual consiste a história da metafísica, é também um processo de autonegação do *logos* que, ao se desvocalizar, esforça-se ao máximo para coincidir com o pensamento" (Cavarero, 2011, p.61). Como veremos adiante, este pensamento corresponde à perspectiva racional da ideia platônica, mas não ao pensamento por imagem que se estabelece no corpo por meio de uma emoção sensível.

[10] Hans Belting é historiador da arte e propositor de uma teoria da imagem, na qual a imagem é abordada a partir de uma perspectiva antropológica onde "el ser humano no aparece como amo de sus imágenes, sino – algo completamente distinto – como "lugar de las imágenes" que toman posesión de su cuerpo: está a merced de las imágenes autoengendradas, aun cuando siempre intente dominarlas" (Belting, 2007, p. 15). Neste sentido, embora nos apresente o conceito de imagens endógenas (internas) e exógenas (externas), nos adverte que ambas não podem sem pensadas separadamente, já que se encontram sempre em trânsito.

se fundamenta pela sensibilização do corpo, pretendemos demonstrar como a estratégia filosófica para silenciar a palavra foi determinante para reduzir a percepção em imagens à conceituação sígnica da linguagem, como uma medida racional para domesticar o pensamento mágico, ou anímico, impulsionado tanto pelas imagens iconográficas, nos rituais de culto aos mortos da antiguidade[11], quanto pelas narrativas míticas, por assim dizer, cantadas ao ouvinte[12]. Com isso, pretendemos destacar como esta concepção dessensibilizada da palavra impregna toda a noção de linguagem difundida pela moderna linguística, a qual termina por afetar, também, o enfoque da imagem, no âmbito de pesquisas da comunicação e da mídia, hoje. Tal como apresenta Hans Belting quando diz que: "o mal-entendido posto hoje sobre as imagens resulta em pretender encará-las apenas como suportes de informação, o que as aproximam da categoria dos signos"[13]

Fato é que, chega-se a um novo milênio, no qual as mídias audiovisuais dominam os ambientes da cultura, com um embasamento sígnico da linguagem, que reverbera inclusive na ciência da comunicação, compreendendo-as apenas como suportes de informação, mas sem entender de que modo as imagens, visuais e acústicas, atuam sobre o corpo do espectador ouvinte, não apenas informando, mas moldando a sua percepção do mundo. Assim, a partir do pensamento de Adriana Cavarero e Hans Belting, mais do que resgatar o fundamento teórico que ampara nossa perspectiva racionalista no tratamento da mídia hoje, nossa proposta visa resgatar um sentido arqueológico e antropológico da linguagem, numa intenção revolucionária - na qual a palavra revolução adquire o seu sentido original de volta à origem - de apresentar uma abordagem da linguagem como som e imagem, que parece mais interessante para entender a realidade da cultura midiática contemporânea. De modo a compreender melhor os seus efeitos mágicos, destruidores e sedutores, sobre as formas da percepção do corpo. Já que as imagens, diferentemente da escrita, e na medida em que falam ao ouvinte, não permitem

Belting foi professor catedrático no Instituto de História da Arte da Universidade de Munique e, depois, no Instituto de História da Arte e Teoria da Mídia em Karlsruhe.

[11] Analisando a tradição funerária da Antiguidade, Hans Belting descreve um ritual muito conhecido em todo o Oriente antigo, designado "ritual de abertura da boca" (Belting, 2007, p. 58), no qual as imagens mortuárias, durante o tempo das cerimonias rituais, libertavam-se da mudez inerente à matéria morta, e eram postas a falar, enquanto médium entre o mundo dos mortos e dos vivos, por meio de um ritual de animação que se dava entre o espectador e as imagens.

[12] Nos referimos especificamente à poética homérica, através das análises de Adriana Cavarero.

[13] Tradução de Martinho Alves da Costa Junior, feita a partir da tradução francesa. Este artigo encontra-se no livro, "*Das echte Bild: Bildfragen als Glaubensfragen*" (Verlag C. H. Beck: München, 2006, p. 133-137). A citação supracitada corresponde ao seguinte trecho no original: "*Das heutige Missverständnis der Bilder liegt darin, dass man sie nur noch als Träger von Informationen gelten lassen will, in denen sie den Zeichen nahe kommen"* (Belting, 2006, p. 135).

o distanciamento crítico da visão racional, mas, ao contrário, seduzem os olhos, quando (en)cantam-lhe os ouvidos.